



Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética 2

Kelly Cristina Campones
(Organizadora)

Kelly Cristina Campones
(Organizadora)

**Ensino e Aprendizagem como Unidade
Dialética
2**

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E59	Ensino e aprendizagem como unidade dialética 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Kelly Cristina Campones. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ensino e Aprendizagem Como Unidade Dialética; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-483-2 DOI 10.22533/at.ed.832191507 1. Aprendizagem. 2. Educação – Pesquisa – Brasil. I. Campones, Kelly Cristina. CDD 371.102
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book intitulado como: “Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética”, apresenta três volumes de publicação da Atena Editora, resultante do trabalho de pesquisa de diversos autores que, “inquieta” nos seus mais diversos contextos, consideraram em suas pesquisas as circunstâncias que tornaram viável a objetivação e as especificidades das ações educacionais e suas inúmeras interfaces.

Enquanto unidade dialética vale salientar, a busca pela superação do sistema educacional por meio das pesquisas descritas, as quais em sua maioria concebem a importância que toda atividade material humana é resultante da transformação do mundo material e social. Neste sentido, para melhor compreensão optou-se pela divisão dos volumes de acordo com assunto mais aderentes entre si, apresentando em seu volume I, em seus 43 capítulos, diferentes perspectivas e problematização acerca do currículo, das práticas pedagógicas e a formação de professores em diferentes contextos, corroborando com diversos pesquisadores da área da educação e, sobretudo com políticas públicas que sejam capazes de suscitar discussões pertinentes acerca destas proposições.

Ainda, neste contexto, o segundo volume do e-book reuniu 29 artigos que, constituiu-se pela similaridade da temática pesquisa nos assuntos relacionados à: avaliação, diferentes perspectivas no processo de ensino e aprendizagem e as Tecnologias Educacionais. Pautadas em investigações acadêmicas que, por certo, oportunizará aos leitores um repensar e/ou uma amplitude acerca das problemáticas estudadas.

No terceiro volume, categorizou-se em 25 artigos pautados na: Arte, no relato de experiências e no estágio supervisionado, na perspectiva dialética, com novas problematizações e rupturas paradigmáticas resultante da heterogeneidade do perfil acadêmico e profissional dos autores advindas das temáticas diversas.

Aos autores dos diversos capítulos, cumprimos pela dedicação e esforço sem limites. Cada qual no seu contexto e pautados em diferentes prospecções viabilizaram e oportunizaram nesta obra, a possibilidade de ampliar os nossos conhecimentos e os diversos processos pedagógicos (algumas ainda em transição), além de analisar e refletir sobre inúmeras discussões acadêmicas conhecendo diversos relatos de experiências, os quais, pela soma de esforços, devem reverberar no interior das organizações educacionais e no exercício da constante necessidade de pensar o processo de ensino e aprendizagem como unidade dialética.

Cordiais saudações e meus sinceros agradecimentos.

Kelly Cristina Campones

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS E SUAS IMPLICAÇÕES NO TRABALHO PEDAGÓGICO NO TERCEIRO CICLO – ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Gilcéia Leite dos Santos Fontenele</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8321915071	
CAPÍTULO 2	18
A CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO EM LICENCIANDOS DE CIÊNCIAS	
<i>João Debastiani Neto</i>	
<i>Néryla Vayne Alves Dias</i>	
<i>Maria Estela Gozzi</i>	
<i>João Marcos de Araujo Krachinski</i>	
<i>Larissa Aparecida Barbeta Gomes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8321915072	
CAPÍTULO 3	30
A CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO POR PROFESSORES DE LICENCIATURAS	
<i>Maria Estela Gozzi</i>	
<i>Néryla Vayne Alves Dias</i>	
<i>João Debastiani Neto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8321915073	
CAPÍTULO 4	43
ANÁLISE DA REPROVAÇÃO EM DISCIPLINAS DO CURSO DE MATEMÁTICA A DISTÂNCIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA	
<i>Renata Patrícia Lima Jeronymo Moreira Pinto</i>	
<i>Antonio Marcos Moreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8321915074	
CAPÍTULO 5	53
AVALIAÇÃO DA TEORIA-PRÁTICA EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE	
<i>Maria Noraneide Rodrigues do Nascimento</i>	
<i>Joelson de Sousa Moraes</i>	
<i>Maria Gleice Rodrigues</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8321915075	
CAPÍTULO 6	66
AVALIAÇÃO DE SALA DE AULA: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE UM PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Amanda Tayne Lima Dias</i>	
<i>Edileuza Fernandes Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8321915076	
CAPÍTULO 7	72
AVALIAÇÃO: A CONCEPÇÃO DE LICENCIANDOS EM FÍSICA	
<i>Néryla Vayne Alves Dias</i>	
<i>Maria Estela Gozzi</i>	

CAPÍTULO 8 84

AVALIAÇÃO: PESQUISA CARTOGRÁFICA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Maria de Lourdes da Silva Neta
Mayara Alves Loiola Pacheco
Alana Dutra do Carmo
Rachel Rachelley Matos Monteiro

DOI 10.22533/at.ed.8321915078

CAPÍTULO 9 97

DESVELANDO O FRACASSO ESCOLAR POR MEIO DO RACISMO

Gerusa Faria Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.8321915079

CAPÍTULO 10 107

AS POTENCIALIDADES DA PROGRAMAÇÃO LINEAR PARA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS ENVOLVENDO A ÁLGEBRA LINEAR

João Debastiani Neto
Roney Peterson Pereira
Valdinei Cezar Cardoso

DOI 10.22533/at.ed.83219150710

CAPÍTULO 11 122

ENSINO E APRENDIZAGEM DE CIÊNCIAS DA NATUREZA NOS ANOS INICIAIS

Cristiane de Almeida
Anemari Roesler Luersen Vieira Lopes

DOI 10.22533/at.ed.83219150711

CAPÍTULO 12 136

ESTILOS DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA DISCIPLINA DE CONTROLE 1 DO CURSO DE ENGENHARIA ELETRÔNICA DA UTFPR

Paulo Roberto Brero de Campos
Miguel Antonio Sovierzoski

DOI 10.22533/at.ed.83219150712

CAPÍTULO 13 149

ESTILOS DE LIDERANÇA E SUA DINÂMICA NO COMPORTAMENTO SOCIAL VIRTUAL DOS GRUPOS DE UM PROGRAMA DE ENSINO A DISTÂNCIA

Quênia Luciana Lopes Cotta Lannes
Wagner Lannes

DOI 10.22533/at.ed.83219150713

CAPÍTULO 14 162

FATORES INTERVENIENTES NA RELAÇÃO ENTRE TECNOLOGIA DIGITAL E PRÁTICA PEDAGÓGICA

Rosemara Perpetua Lopes
Márcia Leão da Silva Pacheco

DOI 10.22533/at.ed.83219150714

CAPÍTULO 15	169
GAMEFICAÇÃO NA EDUCAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DE JOGOS DE TABULEIRO (<i>BOARD GAMES</i>) NO ENSINO SUPERIOR	
<i>Adriana Paula Fuzeto</i>	
<i>Bethanya Graick Carizio</i>	
<i>Michele Ananias Quiarato</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150715	
CAPÍTULO 16	179
GAMIFICAÇÃO NA SALA DE AULA UNIVERSITÁRIA: METODOLOGIA ATIVA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
<i>Barbara Raquel do Prado Gimenez Corrêa</i>	
<i>Gabriela Eyng Possolli</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150716	
CAPÍTULO 17	186
MODELAGEM DE UMA PLATAFORMA WEB GAMIFICADO PARA MEDIAR A APRENDIZAGEM DOS CONTEÚDOS DE LÓGICA DE PROGRAMAÇÃO	
<i>Cheli dos Santos Mendes</i>	
<i>Roberto Luiz Souza Monteiro</i>	
<i>Tereza Kelly Gomes Carneiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150717	
CAPÍTULO 18	192
MODELO DUAL DE EDUCAÇÃO: CASO JARAGUÁ DO SUL	
<i>Julio Perkowski Domingos</i>	
<i>Geison Stein</i>	
<i>Fernando Luiz Freitas Filho</i>	
<i>Carlos Alberto Klimeck Gouvea</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150718	
CAPÍTULO 19	203
MOODLE VERSÁTIL: SUPORTE PARA AULAS VIRTUAIS, INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO E AUTOAVALIAÇÃO DISCENTE E PLATAFORMA PARA A APRENDIZAGEM DO ESPANHOL E DO ITALIANO NA UFBA	
<i>Cecilia Gabriela Aguirre</i>	
<i>Jadirlete Cabral</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150719	
CAPÍTULO 20	217
O AVA MOODLE E SUAS POSSIBILIDADES NO ENSINO- APRENDIZAGEM DE CIÊNCIAS: TRABALHANDO O CONTEÚDO “GERAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA” NO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Ádson de Lima Silva</i>	
<i>Kleber Cavalcanti Serra</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150720	

CAPÍTULO 21	234
O ENTRELAÇAMENTO DA TEORIA E PRÁTICA COMO CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Maria da Graça Pimentel Carril</i>	
<i>Sandra Perez Tarriconi</i>	
<i>Sirlei Ivo Leite Zoccal</i>	
<i>Elisete Gomes Natário</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150721	
CAPÍTULO 22	241
O GOOGLE EARTH COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA ANÁLISE DO ESPAÇO GEOGRÁFICO	
<i>Danusa da Purificação Rodrigues</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150722	
CAPÍTULO 23	246
O PERFIL DOS ALUNOS INGRESSANTES NO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO HABILITAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA/UAB	
<i>Janete Webler Cancelier</i>	
<i>Juliane Paprosqui Marchi da Silva</i>	
<i>Liziany Müller</i>	
<i>Carmen Rejane Flores</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150723	
CAPÍTULO 24	260
O USO DA LOUSA DIGITAL EM AULAS DE MATEMÁTICA	
<i>Eloisa Rosotti Navarro</i>	
<i>Marco Aurélio Kalinke</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150724	
CAPÍTULO 25	274
OTIMIZAÇÃO DO USO DA PLATAFORMA MOODLE EM PROCESSOS DE AVALIAÇÃO DE DISCIPLINAS EM CURSOS NA MODALIDADE A DISTÂNCIA	
<i>Lidnei Ventura</i>	
<i>Osmar Oliveira Braz Júnior</i>	
<i>Vitor Malagá</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150725	
CAPÍTULO 26	285
PROJETO MEGATRON: UM NOVO OLHAR NO ENSINO DE ELETRÔNICA E EMPREENDEDORISMO PARA O ENSINO MÉDIO	
<i>Elismar Ramos Barbosa</i>	
<i>Raiane Carolina Teixeira de Oliveira</i>	
<i>Fábio de Brito Gontijo</i>	
<i>Thiago Vieira da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150726	

CAPÍTULO 27	297
TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENSINO: A UTILIZAÇÃO DA FERRAMENTA WEBQUEST NO ENSINO DE CARTOGRAFIA	
<i>Rafael Arruda Nocêra</i>	
<i>Alessandra Dutra</i>	
<i>Vanderley Flor da Rosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150727	
CAPÍTULO 28	311
UTILIZAÇÃO E ADAPTAÇÃO DO TBL PARA ENGENHARIAS NA DISCIPLINA DE ELETRICIDADE APLICADA	
<i>Priscila Crisfır Almeida Diniz</i>	
<i>Antônio Cláudio Paschoarelli Veiga</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150728	
CAPÍTULO 29	322
FATORES INFLUENTES NA EVASÃO E PERMANÊNCIA NA EAD: O SUCESSO PODE AJUDAR A COMPREENDER AS CAUSAS DO FRACASSO?	
<i>Camila Figueiredo Nascimento</i>	
<i>Maria Emanuela Esteves dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.83219150729	
SOBRE A ORGANIZADORA	336

DESVELANDO O FRACASSO ESCOLAR POR MEIO DO RACISMO

Gerusa Faria Rodrigues

Professora SME Duque de Caxias

Professora Curso de Pedagogia – Universidade Católica de Petrópolis

RESUMO: O trabalho que se apresenta visa discutir de que maneira as instituições escolares corroboram na manutenção do fracasso escolar das crianças negras dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Existe a crença de que todas as crianças ao adentrarem a escola desfrutem das mesmas oportunidades educacionais, o que não se configura como verdade. Vivemos em uma sociedade com uma grande estratificação social e com uma presença marcante do racismo institucional, que se faz presente nas instituições escolares, o que nos leva a questionar como estes fatores contribuem ou são determinantes para o fracasso escolar de crianças negras. Compreender como o fracasso escolar se estrutura pode ser um meio de superar o baixo rendimento e ampliar possibilidades de sucesso escolar de estudantes negros. Para efetivação do estudo foi realizada pesquisa bibliográfica a aportes teóricos variados e aos dados produzidos por uma pesquisa realizada pela autora do texto, em uma escola da rede municipal de Duque de Caxias.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças negras, fracasso escolar, escola.

ABSTRACT: The present work aims to discuss how the school institutions corroborate in the maintenance of the school failure of the black children of the initial years of Elementary School. There is a belief that all children entering the school enjoy the same educational opportunities, which is not true. We live in a society with a great social stratification and a marked presence of institutional racism, which is present in school institutions, which leads us to question how these factors contribute or are determinant for the school failure of black children. Understanding how school failure is structured can be a means of overcoming poor performance and broadening school success possibilities for black students. In order to carry out the study, a bibliographical research was carried out with varied theoretical contributions and the data produced by a research carried out by the author of the text, in a school of the municipal network of Duque de Caxias.

KEYWORDS: Black children, school failure, school.

INTRODUÇÃO

No meio educacional os resultados obtidos pelos alunos é o balizador do sucesso ou fracasso escolar, passando por aprovações, reprovações e evasão escolar, via de regra, os avanços reais dos estudantes não é

considerado para fins de identificar sucesso ou fracasso. Os estudos apontam que o fracasso escolar atinge em grande parte as crianças negras dos anos iniciais por fatores variados como vulnerabilidade social, aspectos socioeconômicos, e até mesmo, baixo capital cultural.

De acordo com Arroyo (1997, p. 12):

Podemos partir da hipótese de que existe entre nós uma cultura do fracasso que dele se alimenta e reproduz. Cultura que legitima práticas, rotula fracassados, trabalha com preconceitos de raça, gênero e classe, e que exclui, porque reprovar faz parte da prática de ensinar-aprender-avaliar.

De acordo com os apontamentos do autor citado anteriormente a escola auxilia na produção do fracasso escolar e o mantém por acreditar que a estrutura funciona de modo excludente e seletivo. Na atualidade, o acesso à educação escolar apresenta diferenças mínimas de ingresso por negros e brancos, mas as oportunidades educativas ainda são bem distintas.

O Brasil é um país com um expressivo contingente de negros, com uma desigualdade social entre estes grupos bastante significativa; essa diferença social se reflete também nas instituições escolares, que são espelhos dos discursos e práticas de preconceito racial. A tarefa de educar em uma sociedade multiétnica e pluricultural como a brasileira requer que as tensões existentes nessas relações não sejam naturalizadas, assim como é preciso admitir que a sociedade, de modo geral, se projeta como branca e não existe democracia racial como se acredita, principalmente, no espaço escolar.

O fator social vem sendo pesquisado e apontado como um dos determinantes para o baixo desempenho escolar em crianças negras, já que essa parcela da população está desproporcionalmente entre os mais pobres do país. Pretos e pardos representam pouco menos da metade população do Brasil, mas estão entre os 60% dos mais pobres (LOUZANO, 2013). As estatísticas apontam ainda que os meninos negros tendem a fracassar mais que as meninas negras, e, ao reconhecer a concentração das alunas e alunos negros nas camadas mais pobres da população, há uma tendência a deslocar o problema para a pobreza e não considerar as questões raciais.

De acordo com Gonçalves e Silva (2015, p. 13)

... Essa distância tem levado a que se avalie o insucesso escolar de muitas crianças negras, erradamente, atribuindo – o desde a falta de preparo, capacidade, até à falta de acesso a livros, jogos eletrônicos, passeios, viagens. A falta de diálogo entre escola, famílias, comunidades, movimentos sociais tem levado a imaginar equivocadamente que as vivências de crianças negras fora da escola muito pouco ou em nada podem contribuir para aprendizagens escolares.

De acordo com a pesquisa realizada por Louzano (2013), ser preto aumenta a probabilidade de fracasso escolar em todas as regiões do país; em todos os níveis de

educação, os negros tendem a repetir e abandonar a escola mais do que os colegas brancos e pardos. Essas informações confirmam a hipótese de que o fracasso escolar é mais expressivo entre estudantes negros.

Mas, de que maneira a escola contribui para que o fracasso escolar das crianças negras se mantenha? E, por que o sucesso escolar de meninas e meninos negros não ganhe projeção no ambiente escolar?

ASPECTOS RACIAIS, PRECONCEITO E FRACASSO ESCOLAR

Abordar questões relacionadas às desigualdades raciais e ao preconceito racial não é tarefa das mais simples, pois em nosso país vivemos sob a égide do mito da democracia racial, o que faz com que existam professores que defendam que as discussões sobre as questões étnico-raciais devam ser suscitadas por colegas negros ou pelo movimento negro em ambientes específicos, já que, segundo a visão desses profissionais, vivemos em um país mestiço, e as poucas situações de racismo, que eventualmente possam acontecer, não ocorrem dentro do espaço escolar, o que infelizmente não se verifica como verdade.

Existe a crença de que todos possam desfrutar das mesmas oportunidades educativas, o que não se configura como verdade, pois as relações que se estabelecem, são geradoras de grandes desigualdades, que culminam no baixo rendimento de alunos e alunas negras. É necessário que haja discussões mais aprofundadas sobre os efeitos dos atos discriminatórios, de injúria racial e de racismo sobre crianças negras no ambiente escolar. Sobre tal afirmativa Cavalleiro (2001) aponta:

A criança negra que passa por constrangimentos normalmente não é “acolhida”. A ausência de atitude por parte de professores (as) sinaliza à criança discriminada que ela não pode contar com a cooperação de seus/suas educadores/as. Por outro lado, para a criança que discrimina, sinaliza que ela pode repetir a ação visto que nada é feito, seu comportamento nem sequer é criticado. A convivência por parte dos profissionais da educação banaliza a discriminação racial (p. 146).

Dessa forma, a banalização das ofensas raciais e atos de racismo dentro das escolas fazem com que crianças que foram submetidas a estas situações se sintam invisíveis, impotentes e subjugadas.

É imprescindível reconhecer que há desigualdade racial na educação, para que se possa questionar o dia a dia e transformar as práticas pedagógicas, reconhecer que há uma hierarquia racial expressa através de padrões estéticos, de menosprezo da cultura negra e de haver críticas tendenciosas por parte dos docentes sobre o comportamento de crianças negras dentro da escola. As atitudes apresentadas contribuem de forma bastante significativa para a criação ou reforço do sentimento de inferioridade e de baixa autoestima (CAVALLEIRO, 2001).

O racismo faz com que crianças negras não se reconheçam como tal e desejam embranquecer: há um ideal a ser perseguido, tornar-se branco, ter o comportamento

padrão do branco, para dessa forma ser socialmente aceito e, quiçá, inserido nesse universo branco consiga ascensão social para deixar a condição de subjugado. Sobre tais afirmativas podemos encontrar maior compreensão no seguinte trecho de Sousa:

O racismo esconde assim seu verdadeiro rosto. Pela repressão ou persuasão, leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal. Todo ideal identificatório do negro converte se, desta maneira, num ideal de retorno ao passado, onde ele poderia ter sido branco, ou na projeção de um futuro, onde seu corpo e identidade negros deverão desaparecer (1983, p. 5).

A pluralidade cultural dentro da escola, apesar de ser uma presença forte e constante, é pouco discutida: os profissionais que atuam nesse ambiente buscam fazer com que tal pluralidade se torne invisível por meio de um currículo que, muitas vezes, não privilegia as discussões sobre o respeito às diferenças, aos direitos igualitários, além de dar ênfase ao saber dos grupos poderosos, dominantes e privilegiar uma cultura eurocêntrica. O conhecimento que circula na escola tem, como base, o pensamento e compreensão das crianças por meio de uma visão europeia, que desconsidera nossa realidade e principalmente as influências da cultura negra.

Mas, seria possível repensar a educação formal de maneira a superar o racismo existente no espaço escolar?

CONSTRUÇÃO DO PERTENCIMENTO ÉTNICO RACIAL À SUPERAÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR

A Lei Nº 10.639/2003 pode ser considerada como propulsora de avanços na discussão étnico-racial nas escolas, trazendo à tona pontos importantes, antes trabalhados apenas pelo movimento negro e que estiveram invisíveis ou inexistentes dentro das escolas. Entretanto, é importante salientar que as discussões e ações do movimento não aconteceram de forma estanque apenas no momento da criação da lei. As articulações ganharam força a partir dos anos de 1980, pois neste período ocorreram mudanças significativas na perspectiva de lutas contra o racismo, sendo que uma das estratégias passa a ser a busca por ações afirmativas para os negros no Brasil, como a referida lei e também as cotas raciais (PEREIRA, 2016).

Contudo, não se pode considerar que tais avanços sejam suficientes, que de fato houve mudanças significativas nos currículos escolares ou nas posturas dos professores, principalmente dos anos iniciais do Ensino Fundamental, onde a discussão, na maior parte das vezes, quando acontece se dá em datas comemorativas e as situações de racismo se tornam invisíveis.

As escolas, assim como a sociedade em geral, não promovem relações étnicas raciais equânimes, e, mantêm as relações de dominação e desrespeito com as crianças que frequentam este espaço.

Segundo Bento (2002):

(...) Mesmo em situação de pobreza, o branco tem o privilégio simbólico da branquidão, o que não é pouca coisa. Assim, tentar diluir o debate sobre raça analisando apenas a classe social é uma saída de emergência permanentemente utilizada, embora todos os mapas que comparem a situação de trabalhadores negros e brancos, nos últimos vinte anos, explicitem um déficit muito maior em todas as dimensões da vida, na saúde, na educação, no trabalho. A pobreza tem cor, qualquer brasileiro minimamente informado foi exposto a essa informação, mas não é conveniente considerá-la. Assim o jargão repetitivo é que o problema limita-se à classe social. Com certeza esse dado é importante, mas não é só isso (p. 27).

E, tal privilégio não é aceito e tão pouco discutido nas escolas, professores e todos que compõem as equipes escolares necessitam se preparar e para combater o racismo, desconstruir posturas e buscar alternativas para a construção de uma educação antirracista que combata privilégios, subalternizações e preconceitos. Este poderia ser um caminho para uma educação que promova igualdade e, supere o fracasso escolar a que crianças negras são submetidas. A construção de pertencimento à cultura negra, da negritude de meninos e meninas negras, é um caminho que pode auxiliar significativamente nesta superação.

Dentro da escola, a construção da negritude dos alunos pode contribuir para firmar sua identidade e, conseqüentemente, para a composição de modelos positivos. Superar os limites históricos e sociais impostos sobre a discussão do racismo e sobre os conhecimentos acerca dos afro-brasileiros deve fazer parte de um conjunto de ações que visem melhorar a autoestima de crianças negras, para que elas construam uma autoimagem positiva, transpondo, assim, as barreiras impostas pela sociedade. É preciso estabelecer discussões que ultrapassem os tópicos especiais e as datas comemorativas, que mais servem para ratificar estereótipos do que para valorizar a origem e cultura dos alunos.

De acordo com Domingues (2005):

(...) negritude passou a ser um conceito dinâmico, o qual tem um caráter político, ideológico e cultural. No terreno político, negritude serve de subsídio para ação do movimento negro organizado. No campo ideológico, negritude pode ser entendida como processo de aquisição de uma consciência racial. Já na esfera cultural, negritude é a tendência de valorização de toda manifestação cultural africana. Portanto, negritude é um conceito multifacetado (p. 26).

O processo de construção do pertencimento a cultura negra se dá em diversos meios, com tensões e consensos entre grupos variados, crianças negras se constroem em situações de conflitos e desqualificação, passando a utilizar como referencial a família, grupos sociais similares ou mesmo movimentos organizados. Dessa forma, a escola deveria ser um local que auxiliasse nessa busca e aceitação de sua negritude, o que em geral não ocorre.

A escola que deveria ser a difusora de práticas emancipatórias, auxiliando com o rompimento do preconceito racial, muitas vezes reforça o preconceito, seja por falta

de conhecimento e domínio sobre o tema por parte de professores e dirigentes, seja por abrigar docentes e discentes preconceituosos. Pouco se sabe sobre o continente africano e o conhecimento que é apresentado sobre a África remete ao escravismo e aos cultos religiosos, o que gera mais preconceito, por não ser a religião dos europeus, brancos e colonizadores. Nas escolas, quando se fala em religiões de matriz africana, estas são associadas à satanização e a práticas malignas de “gente preta e pobre”.

A escola tende em suas mais variadas práticas a reafirmar o mito da superioridade branca, que é possível compreender melhor no trecho a seguir:

A ausência de negros/as ou a exposição como inferiores em livros didáticos, cartazes, vídeos e em outros recursos utilizados, reforça o estigma da população negra e dos/as estudantes negros. Por outro lado, há um reforço na construção do imaginário acerca da superioridade branca. A meta deve ser o respeito aos valores culturais e aos indivíduos de diferentes grupos, o reconhecimento desses valores culturais e a convivência. A convivência com a diversidade implica em experimentar o respeito à diferença. Esses são os passos essenciais para a promoção da igualdade de direito (RIBEIRO apud RIBEIRO, SOUZA, 2008, p. 95).

A sociedade, em seus mais diversos veículos de divulgação ideológica e de consumo, como propagandas, filmes, novelas e mídias em geral, colaboram para esse estigma social, já que em grande parte das vezes o negro é posto em condição servil e precária, além de em poucos momentos ser colocado como consumidor de produtos de maior valor. Muito pouco se discute no país ou nas escolas se há diferenças significativas em ser branco e pobre e em ser negro e pobre.

Um passo inicial para a mudança de posturas dentro das escolas seria construir uma educação antirracista, assim como reconhecer que não vivemos uma democracia racial, apesar de não experimentarmos segregação racial formal. É preciso possibilitar que todos os alunos independente de raça, classe social, credo ou orientação sexual compreendam que vivemos em uma sociedade plural e que necessitamos valorizar a cultura de todos os povos que ajudaram a construir o país. Encontramos apoio para os apontamentos realizados anteriormente em Gonçalves e Silva:

Passo importante, nesse sentido, é deixar de admitir que a história do Brasil continue sendo escrita no singular, ou a partir unicamente de uma visão eurocêntrica. As histórias e culturas que constituem o povo brasileiro têm de ser igualmente valorizadas, estudadas do ponto de vista de suas raízes indígenas, africanas, asiáticas, europeias. E certamente esse é um esforço complexo, exige desconstruir ideias preconcebidas, abolir atitudes desrespeitosas, aprender a respeitar, compreender e articular distintos pontos de vista, visões de mundo, experiências de vida, construções de espiritualidade, de pertencimento étnico raciais (2015, p. 12).

Para discutirmos de maneira profícua as questões da pluralidade cultural que compõe o espaço escolar, precisamos pensar a formação de professores para as relações étnico raciais, pois, toda a militância do movimento negro, engajamento da família, podem não surtir os efeitos desejáveis se não houver professores preparados

para pensar estas questões, e, uma educação antirracista trazendo para as escolas pontos relativos à história e cultura africana e valorização dos padrões estéticos e culturais da cultura negra dos afro brasileiros.

As ações de formação continuada são necessárias para que se alcance a construção de uma educação voltada para igualdade étnico racial, porém, para uma mudança real de paradigmas precisamos encontrar professores dispostos a combater o racismo e a discriminação, que estejam dispostos a repensar práticas, materiais didáticos e, principalmente estimular crianças negras a atingirem o sucesso escolar por meio da oferta de oportunidades educativas equânimes.

DADOS IMPORTANTES EXTRAÍDOS DA ROTINA ESCOLAR

Foi realizada uma pesquisa em uma escola da rede municipal de Duque de Caxias, que utilizou como metodologia estudo bibliográfica a fontes variadas e uma investigação de campo com professores dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, que se dispuseram a colaborar com o trabalho e com alunos dos anos finais, que objetivou buscar meios de discutir as questões étnico-raciais no ambiente escolar, possibilitando o surgimento de alguns dados importantes que emergiram neste contexto.

Um dos aspectos mais relevantes extraídos da pesquisa inicial foi que há poucas discussões étnico-raciais nos anos finais e a quase inexistência delas nos anos iniciais. Os professores de ambos os segmentos, em geral, não apresentam formação ou informações sobre história e cultura africana, fazendo com que as poucas discussões que ocorrem girem em torno da escravidão no Brasil.

Os alunos participantes alegaram, em sua totalidade, já terem sido submetidos a situações de preconceito ou mesmo de racismo e sentiram vergonha ao serem expostos, fazendo com que não houvesse coragem para denunciar. Em alguns casos, a falta de conhecimento de que o ocorrido se tratava de discriminação, ou mesmo racismo, contribuía de forma significativa para que os agredidos se sentissem envergonhados, apesar de não perceberem a gravidade dos fatos, pois essas situações são naturalizadas por quem as pratica, presencia ou tomadas como meras brincadeiras.

Há indícios de que a invisibilidade dessas situações e a falta de discussões sobre as questões étnico-raciais no espaço escolar apresentam uma relação entre o baixo desempenho escolar de meninos e meninas negras. O fato de haver poucas crianças negras nos anos iniciais com um bom desempenho escolar chamou a atenção, pois, os dados da pesquisa e o cotidiano apontam a presença do racismo e seus efeitos nocivos às crianças negras, mas as poucas delas com desempenho elevado não se destacam dentro do grupo de alunos e alunas, em muitos casos, não são vistas como exemplos positivos ou mesmo referências para outras crianças negras, que comumente, se destacam por seu mau comportamento, insubordinação

ou baixo desempenho.

Este estudo realizado com uma pequena amostra de alunos, nos leva a inferir que o racismo faz parte do cotidiano escolar, assim como está presente em todas as instituições sociais. Há indícios que estas manifestações preconceituosas e racistas, como brincadeiras, piadas, apelidos pejorativos, são naturalizadas na escola, pelos atores envolvidos, mas, principalmente por professoras, professores, alunas e alunos brancos.

Em muitos momentos é possível perceber nos educadores que, ao trabalhar com questões das características culturais dos alunos, há um desejo de alterá-las, podendo ser traduzido em uma forma de etnocentrismo educacional, anulando processos diferentes nos aspectos culturais e educativos. Dessa forma, o aluno ideal, que em grande parte das vezes é branco, deve servir como referência, fazendo com que todos os outros neguem suas diferenças, sua negritude, cultura e identidade. Muitos se rebelam, resistem, mesmo que de forma inconsciente, o que é traduzido pelos professores e professoras como indisciplina, pois, tudo que foge ao etnocentrismo branco é considerado comportamento marginal (ROMÃO, 2001).

Dessa forma, os dados apresentados apontam para a influência do racismo no baixo desempenho de alunos e alunas negras e, que nem sempre crianças negras desfrutam das mesmas oportunidades educativas que as crianças brancas, fato que pode contribuir para perpetuar as desigualdades existentes dentro do sistema educacional e ao racismo que permeia nossa sociedade. Neste contexto há a crença de que crianças pobres e negras não aprendem.

Em Silva et al., encontramos apoio para as afirmativas anteriores:

Dessa forma, o assim chamado fracasso escolar, que termina por excluir do sistema educacional, e muito provavelmente da sociedade como um todo, uma enorme massa de crianças, atinge em especial as crianças negras. Ao analisar as práticas discriminatórias sistemáticas que acontecem no sistema educacional brasileiro que não são discriminações raciais abertas, mas ocorrem frequentemente por meio de livros didáticos, da representação na história e na geografia e da prática ideológica (ótica distorcida de uma percepção racista) de professores, diretores e funcionários (1997, p. 32).

Os dados que emergiram com o estudo apontam para os efeitos do racismo no sobre o baixo rendimento escolar de crianças negras, questão que em muitas pesquisas não emerge como fator relevante, pois, como dito anteriormente o baixo rendimento escolar de meninos e meninas negras ainda está atrelado às questões sociais e a discriminação e preconceito figuram de maneira discreta nas pesquisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente texto algumas questões foram discutidas como os preconceitos presente nas escolas, o fracasso escolar, a necessidade de construção

de uma representação positiva em crianças negras.

Entretanto, seria importante considerar um dado relevante neste processo que necessita ser discutido e aprofundado, a necessidade de repensar a formação de professores, já que estes, em muitos casos não estão preparados e até mesmo não apresentam interesse em construir uma educação antirracista e que proporcione igualdade de oportunidades educacionais.

Ainda hoje, somos um país de valores culturais europeus e com uma ideologia racista, logo, nosso sistema educacional está a serviço de quem domina a sociedade. Os formuladores do ensino e políticas educacionais pertencem a uma elite intelectual branca, em geral não há nas escolas discussões sobre a cultura africana, autores deste continente não são lidos, outras formas de expressão artística e cultural estão restritas a culinária, música e dança. (TRINDADE, 1994).

O conhecimento sobre o continente e cultura africano, é muito reduzido, a luta pela liberdade, os focos de resistência a escravidão são pouco conhecidos, e como respeitar ou valorizar aquilo que não se conhece? É necessário que estudos mais aprofundados sobre o continente, cultura e as reais contribuições dos africanos das várias nações que aportaram no Brasil, e que estão tão presentes na constituição do povo brasileiro, façam parte dos currículos escolares, pois, somente através do conhecimento destas questões, será possível um enfrentamento real do racismo e da naturalização das situações de preconceito tão presente nas escolas, possibilitando assim, a construção de uma valorização cultural, representação social profícua para crianças negras, fatores que poderiam contribuir para a superação do fracasso escolar das crianças negras.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. Fracasso- Sucesso: O peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. In: ABRAMOWICZ, A. MOLL, J. (org.). **Para além do fracasso escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1997. p. 11 – 26.

BENTO, M.A.S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, I. & BENTO, M.A.S. (orgs.). **Psicologia social do racismo**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 25- 57.

CAVALLEIRO, E. Educação anti - racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, E. (org.). **Racismo e anti- racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 141- 160.

DOMINGUES, P. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. **Mediações- Revista de Ciências Sociais**. Londrina. V. 10, n.1, p. 25 – 40, jan/jun 2005.

GONÇALVES E SILVA, P. B. Crianças negras entre a assimilação e a negritude. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 161 – 187, 2015.

LOUZANO, P. Fracasso escolar: evolução das oportunidades educacionais de estudantes de diferentes grupos. **Cadernos Cenpec**. São Paulo. V.3, n. 1, p. 111- 133, jun. 2013.

PEREIRA, A. A. O movimento negro brasileiro e a lei nº 10.639/2003: Da criação aos desafios para a implementação. **Revista Contemporânea de Educação**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 13- 30, ago/ dez de 2016.

RIBEIRO, A.L. Discriminação Racial: a visão do professor mediante o racismo na escola. **Reflexão, Ação e Educação: Revista de Ciências Sociais e Humanas**. Brasília, v. I, n. 01, p. 30- 44, Jun. 2012.

ROMÃO, J. O educador, a educação e a construção de uma auto- estima positiva no educando negro. In: CAVALLEIRO, E. (org.). **Racismo e anti- racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001, p. 161- 178.

SILVA et al., De como a escola participa da exclusão social: Trajetórias de reprovação das crianças negras. In: ABRAMOWICZ, A. MOLL, J. (org.). **Para além do fracasso escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1997. p. 27- 46.

SOUSA, N. S. **Tornar- se negro: as vicissitudes da identidade do negro**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TRINDADE, A.L. **Racismo no cotidiano escolar**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, RJ: [s.n], 1994.

SOBRE A ORGANIZADORA

Kelly Cristina Campones - Mestre em Educação (2012) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa , na linha de pesquisa História e Políticas Educacionais. É professora especialista em Gestão Escolar, pela Universidade Internacional de Curitiba (2005). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2004) diplomada para Administração, Direção e Supervisão Escolar . Membro do GEPTADO- Grupo de Pesquisa sobre o trabalho docente na UEPG. Tem experiência como docente e coordenadora na: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio, graduação e pós-graduação. Atualmente é professora adjunta na Faculdade Sagrada Família com disciplinas no curso de Licenciatura em Pedagogia. Tem ampla experiência na área educacional atuando nas seguintes vertentes: educação infantil, processo de ensino aprendizagem; gestão; desenvolvimento e acompanhamento de projetos ; tecnologias educacionais; entre outros.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-483-2

